



## Em defesa das aposentadorias do setor público\*

Paulo Nogueira Batista Jr.\*\*

Gostaria de tratar um pouco de um dos temas que estão na ordem do dia: a reforma da Previdência Social. Por enquanto, o assunto tem sido abordado pelo governo e pela maior parte da imprensa de maneira bastante desequilibrada.

Procura-se frequentemente induzir a opinião pública a acreditar que o problema da Previdência é decorrente dos privilégios do funcionalismo público. Vai se espalhando a avaliação de que o principal obstáculo a essa reforma fundamental é a “resistência corporativa” do funcionalismo, que tem a perder “com o fim dos privilégios que compõem o grosso do déficit e inviabilizam atuarialmente a Previdência”, observou editorial recente do jornal O Estado de S. Paulo (21/1, p. A3), vocalizando a opinião predominante em muitos círculos.

Não há dúvida de que o problema é grave. O crescimento das despesas previdenciárias contribui para dificultar a sustentação dos superávits primários, que se tornaram indispensáveis como resultado da pesada herança fiscal-financeira deixada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Também não há dúvida de que existem abusos e privilégios no âmbito do setor público, que precisam ser explicados à sociedade brasileira e corrigidos na forma da lei.

Mas a palavra “privilégio” tem sido utilizada de maneira abusiva. Parece difícil acreditar que a eliminação dos verdadeiros privilégios, corretamente identificados, possa ser suficiente para resolver o problema.

Por exemplo, repete-se muito que os empregados públicos se aposentam com salário integral, enquanto os do setor privado só recebem do INSS até um certo limite (atualmente de R\$1.561,56 por mês). Menos comentado é o fato de que os servidores funcionários públicos civis contribuem para a Previdência com uma alíquota de 11% sobre a totalidade dos seus salários, ao passo que os trabalhadores assalariados do setor privado pagam uma alíquota marginal máxima de 11% ao INSS até o mesmo teto de R\$1.561,56.

A tese muito repetida de que o grande responsável pelo problema previdenciário seria o sistema público, enquanto o INSS seria mais facilmente administrável, baseia-se frequentemente em cálculos nos quais o déficit da previdência pública é definido como a diferença entre os benefícios (aposentadorias e pensões) e as contribuições pagas pelos servidores.

Poucas vezes se menciona o fato de que está faltando a contribuição do governo, como lembrou o presidente do Sindicato Nacional dos Auditores da Receita Federal, Paulo Gil, em entrevista recente à Folha (19/1, pág. A6). No setor privado, o empregador contribui para a Previdência com 20% sobre o salário-base.

Além disso, boa parte da arrecadação federal consiste de contribuições sociais – por exemplo, a Cofins (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social) ou a CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido) –, criados para financiar a Seguridade Social, que é definida constitucionalmente com o conjunto das ações relativas à saúde, à previdência e à assistência social.

O governo Lula estará cometendo grave erro se conduzir a questão previdenciária de modo afobado, com os olhos voltados para as medidas e reformas consideradas indispensáveis pelo chamado mercado, leia-se, pelo capital financeiro local e internacional.

Nunca se deve perder de vista que o Estado Nacional é uma abstração, que só se materializa plenamente pela ação do seu corpo de funcionários permanentes, que precisam ser motivados e tratados com justiça.

Governos que começam desrespeitando e agredindo os interesses dos seus servidores nunca terminam bem.

\*Extraído de artigo do mesmo nome publicado na Folha de S. Paulo de 23 de janeiro de 2003 p. B2.

\*\* Economista, pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Publicação do Departamento  
de Difusão Cultural da  
Associação dos Professores Inativos  
da Universidade Federal Fluminense

**Jornalista responsável:**

Neusa Pinto – Reg. MTPS nº 12.255

**Equipe de redação:**

Ceres Marques de Moraes,  
Ana Maria dos Santos e Neusa Pinto

**Data de fundação da ASPI-UFF:**

14 de julho de 1992.

**Sede:**

R. Passo da Pátria, 19 – São Domingos,  
CEP 24210-240 – Niterói – RJ  
Tel.: (21) 2622-9199  
Telefax: (21) 2622-1675

E-mail: [aspiuff@urbi.com.br](mailto:aspiuff@urbi.com.br)

Site: [www.urbi.com.br/users/aspiuff](http://www.urbi.com.br/users/aspiuff)

**Diretoria Biênio 2002/2004****Presidente:**

Aidyl de Carvalho Reis

**1º Vice-Presidente:**

Joaquim Cardoso Lemos

**2º Vice-Presidente:**

Lúcia Molina Trajano da Costa

**1ª Secretária:**

Magaly Lucinda Belchior da Mota

**2ª Secretária:**

Léa Souza Della Nina

**1ª Tesoureira:**

Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves

**2ª Tesoureira:**

Celina Tavares Coelho da Silva

**Conselho Deliberativo (membros efetivos):**

Sheilah Rubino de Oliveira Kellner – Presidente  
Acrísio Ramos Scorzelli – Vice-Presidente  
Teresinha de Jesus Gomes Lanckenau – 1ª Secretária  
Júlia Archontakis  
Hilda Faria  
Isar Trajano da Costa  
Salvador Alves Pereira  
Luiz César Aguiar Bittencourt Silva  
Jorge Fernando Lorette  
Maria Delque dos Santos S. Martins

**Conselho Fiscal (membros efetivos):**

Eduardo Pedreira de Cerqueira – Presidente  
Amanda Celeste Pimentel – Vice-Presidente  
Ana Pedreira Boechat – Secretária  
Maria Therezinha A. Lyra  
Nésio Brasil Alcântara

**Departamento de Saúde:**

equipe constituída por:  
Maísa F. de C. Araújo

**Departamento de Assuntos Acadêmicos:**

Sonia Maria Silva

**Departamento de Direitos:****Departamento de Difusão Cultural:**

Ceres Marques de Moraes

**Departamento de Integração Comunitária:**

Maria de Lourdes Caliman

**Departamento de Lazer****e Promoção Social:**

Respondendo pelo expediente:  
Léa Souza Della Nina

**Projeto Gráfico:**

Cecília Jucá de Hollanda

**Revisão:**

Damião Nascimento

**Serviços Gráficos:**

Gráfica Falcão



## Uma homenagem ao professor

# Gladstone Chaves de Melo

O nº 22, relativo ao 2º semestre de 2001, da revista *CONFLUÊNCIA*, do Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, foi dedicado ao Prof. Gladstone Chaves de Melo, antigo professor da UFF, de 1962 a 1987, ano de sua aposentadoria no serviço público federal.

Tivemos oportunidade de lidar com o Prof. Gladstone na primeira fase de sua permanência em nossa Universidade, quando fazíamos parte do corpo docente da disciplina Didática Geral e Especial.

O conhecimento que então iniciamos fez com que se acentuasse a admiração pelo professor e homem público Gladstone Chaves de Melo, sem dúvida merecedor das homenagens que lhe têm sido prestadas, às quais a ASPI se associa, através do nosso Boletim.

Neste número especial de *Confluência* “vários amigos e especialistas sublinham a importância de sua obra e realçam a sua atividade docente, a sua carreira universitária, as suas colaborações para jornais e revistas, o seu múnus, junto à comunidade católica, a sua passagem pela política partidária, as suas reflexões evangélicas, a sua ação de educador, ou os seus trabalhos sobre a Língua Portuguesa e a Literatura Brasileira”, como menciona o Prof. Antonio Gomes da Costa em seu artigo que consta das p. 9-10.

Dentre os trabalhos que integram o referido número da revista, destacamos o intitulado “Gladstone Chaves de Melo: o Homem e a Obra”, de autoria do Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, grande amigo e profundo conhecedor da figura do Prof. Gladstone.

Informações sobre a infância e a juventude do homenageado (em Campanha, MG), os primeiros anos no Rio de Janeiro, a militância político-partidária, a missão de Adido Cultural do Brasil em Lisboa (de 1962 a 1964 e de 1972 a 1974), a vocação principal: o magistério, os últimos anos, traços da personalidade, são detalhados na primeira parte do artigo.

Na segunda, dedicada à obra, são analisadas a atividade intelectual, as obras principais (em Filosofia, Teologia e Cultura Religiosa Política e Direito/Pedagogia e Didática, Cultura e Literatura Brasileira, Cultura e Literatura Portuguesa, Filosofia e Lingüística Portuguesa, outros Estudos de Gramática e Estatística).

No final de seu artigo, o Prof. Maximiano diz: “o conhecimento dos principais dados sobre a vida e obra de Gladstone Chaves de Melo autorizam a conclusão de ter sido ele uma das principais figuras da vida cultural brasileira do séc. XX”.

Seguem-se no artigo, o *Curriculum Vitae* e uma relação de fontes para o estudo da vida e obra de Gladstone Chaves de Melo.

Integram ainda o volume da revista numerosos depoimentos e documentos elaborados por muitos dos admiradores do homenageado.

# Diretório Acadêmico

## José Pedro Esposel

É com satisfação que transcrevemos a “página” que nos foi enviada pelo Diretório Acadêmico do Curso de Arquivologia da UNI-RIO.

### Quem é José Pedro Esposel?

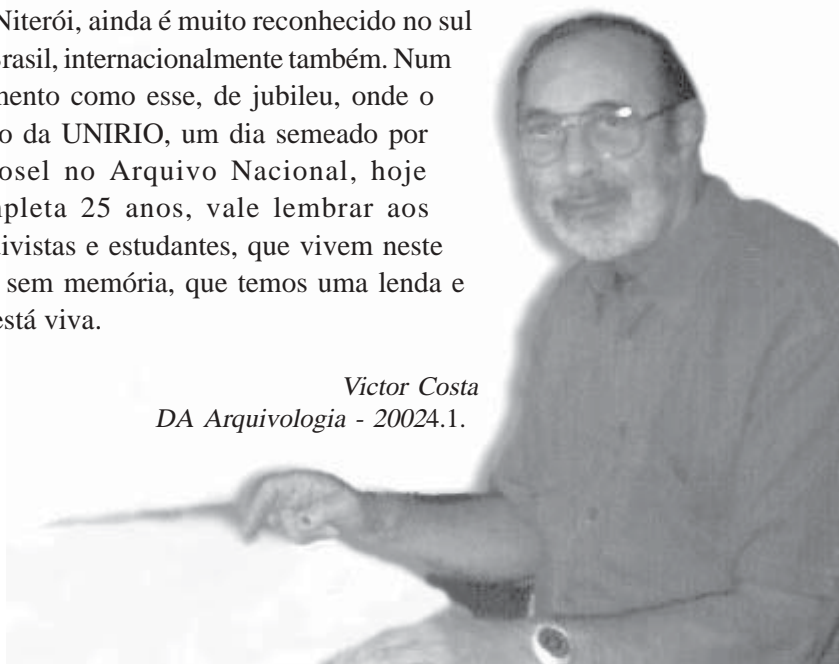
Há muito tempo venho sendo questionado e me questionando. Tantas áreas do conhecimento têm seus vultos, seus símbolos, suas figuras marcantes. É assim na pedagogia com Paulo Freire e Darcy Ribeiro, no direito com Afonso Arinos. Que figura teria tal destaque na Arquivologia?

Resolvi então pesquisar. Perguntei aos professores, aos arquivistas formados, aos estudantes. Por incrível que pareça, muita gente comentava alguns autores clássicos que certamente têm e tiveram o seu valor, o seu brilho. Mas ainda não era isso que eu buscava. Eu buscava o brilho do vigor, de alguém que fosse inteligente, comunicativo, perseverante, que lutasse pelos anseios da Arquivologia. Fui então aos primórdios da criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros, inícios da década de 1970. Numa daquelas antigas revistas *Arquivo & Administração*, percebi nomes que ainda são lembrados a todo momento e encontrei um nome em especial: José Pedro Esposel.

Esposel, como é conhecido por todos, foi um dos fundadores da AAB, foi também um dos idealizadores do curso superior de Arquivologia ainda no Arquivo Nacional em 1977, curso esse que seria um embrião do nosso curso da UNIRIO. Foi por muitos anos professor de Arquivologia da UFF, escreveu pela vida afora alguns livros e artigos e teve destaque no Congresso Brasileiro de Arquivologia de 1984, quando, em sua explanação histórica, defendeu com veemência os Arquivistas e estudantes de Arquivologia.

Por tudo isso, Esposel é considerado um expoente da Arquivologia por muitos. Eu iria mais longe, José Pedro Esposel é, com certeza, o pai da Arquivologia no Brasil. Um pai reconhecido por muitos, por outros esquecidos. Hoje ele tem 70 anos, mora em Niterói, ainda é muito reconhecido no sul do Brasil, internacionalmente também. Num momento como esse, de jubileu, onde o curso da UNIRIO, um dia semeado por Esposel no Arquivo Nacional, hoje completa 25 anos, vale lembrar aos arquivistas e estudantes, que vivem neste país sem memória, que temos uma lenda e ela está viva.

Victor Costa  
DA Arquivologia - 20024.1.



## A POSSE

*Poema de Haroldo de Campos*

De repente  
no país do  
bacharel de Cananéia  
dos bacharéis de canudo e  
anel no dedo e dos  
doutores de borla e capelo  
no país dos  
coronéis  
latifundiários de baração  
e cutelo (melhor  
dizendo de serrote elétrico  
corta-homens)  
de nobres na curule  
pobres no curral  
um metalúrgico (sem  
anel de grau sem  
toga doutoral sem  
sabença de papel passado)  
um torneiro mecânico  
formado na  
universidade da vida  
(severina) assoma  
no altiplano de  
Brasília e toma  
posse  
da república numa  
apoteose de povo  
dando novo sentido à palavra  
pátria.

\*Publicado no caderno Mais,  
Folha de S. Paulo, de 19/1/2003, p. 20.



# CARTA A BUSH

*Íntegra da carta enviada ao presidente dos EUA, George W. Bush, pelo cardeal-arcebispo Bernard Low, de Boston*

“Senhor presidente, o senhor não contou a verdade sobre o porquê de sermos alvo do terrorismo quando explicou por que bombardearíamos o Afeganistão e o Sudão.

O senhor disse que somos alvo do terrorismo porque defendemos a democracia, a liberdade e os direitos humanos no mundo.

Que absurdo, senhor presidente! Somos alvo dos terroristas porque, na maior parte do mundo, o nosso governo defendeu a ditadura, a escravidão e a exploração humana. Somos alvos dos terroristas porque somos odiados. E somos odiados porque o nosso governo fez coisas odiosas. Em quantos países agentes do nosso governo depuseram líderes eleitos pelos seus povos, substituindo-os por militares ditadores, marionetes desejosas de vender o seu próprio povo a corporações americanas multinacionais?

Fizemos isso no Irã, quando os *marines* e a CIA depuseram Mossadegh, porque ele tinha a intenção de nacionalizar a indústria do petróleo. Nós substituímo-lo pelo Xá Reza Pahlevi e armamos, treinamos e pagamos a sua odiada guarda nacional, a Savak, que escravizou e brutalizou o povo iraniano para proteger o interesse financeiro das nossas companhias de petróleo. Depois disso, será difícil imaginar que existam pessoas no Irã que nos odeiem?

Fizemos isso no Chile. Fizemos isso no Vietnam. Mais recentemente, tentamos fazê-lo no Iraque. E, é claro, quantas vezes fizemos isso na Nicarágua e outras repúblicas na América Latina?

Uma vez atrás da outra, temos destituído líderes populares que desejavam que as riquezas da sua terra fossem repartidas pelo povo que as gerou.

Nós substituímos-os por tiranos assassinos que venderiam o seu próprio povo para que, mediante o pagamento de vultosas quantias para engordar as suas contas particulares, a riqueza da sua própria terra pudesse ser tomada por similares à Domino Sugar, à United Fruit Company, à Folgers e por aí adiante.

De país em país o nosso governo obstruiu a democracia, sufocou a liberdade e pisou os direitos humanos.

É por isso que somos odiados ao redor do mundo.

E é por isso que somos alvo dos terroristas. O povo do Canadá desfruta a liberdade e os direitos humanos, assim como o povo da Noruega e da Suécia. O senhor já ouviu falar de embaixadas canadenses, norueguesas ou suecas bombardeadas? Nós não somos odiados porque praticamos a democracia, a liberdade e os direitos humanos.

Nós somos odiados porque o nosso governo nega essas coisas aos povos dos países do Terceiro Mundo, cujos recursos são cobiçados pelas nossas corporações multinacionais. Esse ódio que semeamos virou-se contra nós para assombrar na forma de terrorismo e, no futuro, terrorismo nuclear. Uma vez dita a verdade sobre o porquê desta ameaça existir e ter sido entendida, a solução torna-se óbvia. Nós precisamos mudar as nossas práticas. Livrarmo-nos das nossas armas nucleares (unilateralmente, se necessário) vai melhorar nossa segurança. Alterar drasticamente a nossa política externa irá assegurá-la. Em vez de enviar nossos filhos e filhas ao redor do mundo para matar árabes, para que possamos ter o petróleo que existe sob suas areias, deveríamos mandá-los para reconstruir as suas infra-estruturas, fornecer água limpa e alimentar as crianças famintas.

Em vez de continuar a matar milhares de crianças iraquianas todos os dias, com as nossas sanções econômicas, deveríamos ajudar os iraquianos a reconstruir suas estações elétricas, as suas estações de tratamento de água, os seus hospitais e todas as outras coisas que destruímos e que os impedimos de reconstruir com as nossas sanções econômicas.

Em vez de treinar terroristas e esquadrões da morte, deveríamos fechar a Escola das Américas. Em vez de sustentar a revolta, a desestabilização, o assassinio e o terror em redor do mundo, deveríamos abolir a CIA e dar o dinheiro gasto por ela a agências de assistência.

Resumindo, deveríamos ser bons em vez de maus. Quem iria tentar deter-nos? Quem iria querer nos bombardear? Essa é a verdade, senhor presidente.

É isso que o povo americano precisa de ouvir.”

\*Transcrito do *JB ecológico* de 26/10/2002, p. 7

## No fundo do mar a solução para evitar a guerra do Iraque?\*

Encerrando esta série de ensaios sobre as alternativas energéticas que os Estados Unidos poderiam usar em lugar de buscar o petróleo por meio de guerra, focalizo neste artigo o caso do gás natural.

Os Estados Unidos parecem ter descoberto, recentemente, as grandes vantagens do gás natural. Cerca de 50% das usinas ora em construção naquele país serão abastecidas a gás, que é mais barato do que o petróleo, mais eficiente e menos poluente. Além disso, cerca de 4 milhões de veículos estarão rodando com gás até o ano 2005, o que ainda é pouco em vista da potencialidade daquele energético.

As reservas confirmadas dos Estados Unidos representam menos de 5% do total do mundo. Na base do consumo atual, isso daria para apenas alguns poucos anos. O que dizer, então, se o consumo aumentar?

O gás natural tem sido muito pouco explorado. A maioria das usinas usa gases que são subprodutos da própria produção de petróleo. Tais processos são ineficientes e dão pouco resultado.

E daí? Ocorre que a natureza nos reservou uma grata surpresa nesse campo. Pesquisas recentes têm revelado uma gigantesca fonte de gás natural nas regiões mais profundas dos oceanos.

Trata-se de uma combinação de moléculas de metano e moléculas de água (hidratos de metano), que existe na forma de cristais, a baixíssimas temperaturas – uma espécie de gelo que queima.

Só nos mares americanos há cerca de 600 trilhões de metros cúbicos desse gás, o que daria para abastecer os

Estados Unidos por mais de 2.000 anos! Esse é um presente divino para um mundo que precisa de gigantescas quantidades de energia para tocar os projetos humanos.

Empresas japonesas e americanas já investem milhões de dólares na pesquisa de tecnologias voltadas para a extração desse gás. O grande desafio é evitar que o gás escape no momento de ser canalizado – o que causaria acidentes de grandes proporções (forte aquecimento da terra, terremotos, contaminação de culturas e envenenamento de animais, inclusive seres humanos).

Mais de 50% do carbono do mundo estão no fundo do mar. A luta da ciência é para encontrar formas de evitar a todo o custo a liberação desordenada desses gases. Mas os pesquisadores estão animados. Eles acreditam que os hidratos de metano serão a grande solução energética do século 21.

É claro que tais soluções demandam tempo e muitos investimentos. Mas os avanços científicos e as grandes descobertas costumam ocorrer quando há uma forte pressão de demanda por novas soluções.

Tudo indica que as primeiras décadas deste século trarão inovações de grande vulto na área energética. Para que isso se acelere, seria melhor para os Estados Unidos gastarem seus preciosos recursos apoiando os cientistas no desbravamento desses segredos, em lugar de canalizá-los à construção de armamentos para se apoderar da energia alheia.

\*Publicado no JB de 16.2.03 com o título “O gelo que queima”

### Reunião do Instituto MOSAP – Movimento dos Servidores Públicos Aposentados e Pensionistas

A Prof<sup>ª</sup>. Léa Souza Della Nina representou a ASPI-UFF na reunião do MOSAP realizada no dia 18 de fevereiro às 10h em Brasília, DF, com a seguinte pauta:

1. Avaliação da Audiência com o Sr. ministro da Previdência, deputado Ricardo Berzoini;
2. Reforma da Previdência e seus desdobramentos;
3. Assuntos Gerais.

Foi de grande importância para a nossa causa, participar de tão importante reunião, que reunia

representantes dos mais diversos órgãos do Sistema Público Federal, Estadual e Municipal.

A principal decisão foi a de unificar ações, especialmente em relação ao projeto da Reforma da Previdência, focalizando, de maneira especial, a garantia de direitos adquiridos.

Nossa função é nos mantermos em estado de alerta, e tomar as providências necessárias em tempo hábil.

Aguardem novas notícias!

# Migalhas ou fatias suculentas?\*

*Celina Côrtes\*\**

Quando o então presidente Fernando Collor se encontrou com o pai do atual presidente norte-americano, George Bush, em 1991, o saldo foi puro mamão com açúcar para os americanos: além de dar fim à reserva de mercado e aos subsídios à informática, Collor fez aos gringos o favor de passar uma borracha em questões ambientais e de direitos humanos que estremeciam as relações entre os países. Desta vez, foi diferente. Não é que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, tenha falado grosso com George W. Bush; pelo contrário: em uma hora de encontro no salão oval da Casa Branca, na terça-feira, 10 de dezembro, Lula e Bush mantiveram um diálogo cordial, intermediado por intérpretes. Ao que parece, o presidente americano ficou muito mais à vontade com um homem sem os salamaleques acadêmicos de um Fernando Henrique. Lula, por sua vez, não se comportou como se estivesse se encontrando com o líder do “centro-opressor-neoliberal-e-sede-da-globalização-selvagem”, como se referia, no passado, aos Estados Unidos. Mudou Lula ou mudaram as relações entre os dois países?

Por enquanto, não dá para saber. Os resultados concretos, porém, não foram muitos, nesse primeiro encontro. Para um país que sofre com os entraves à exportação de produtos como o aço e o suco de laranja (para citar dois exemplos que poderiam melhorar a vida dos brasileiros, não fosse a sobretaxa de importação cobrada pelos americanos), a mesa de negociações deixou muito a desejar – ou melhor, mal começou. Isso sem falar na recente intromissão dos EUA na venda de aviões da Embraer à Colômbia e à Polônia.

A criação da Área de Livre Comércio das Américas – questão tida como crucial, sobretudo, pelos EUA – foi tratada muito de leve. Nessa hora, Lula oscilou entre a diplomacia. “A partir do momento em que fechamos o acordo, seremos leais”, e o pragmatismo – “Seremos duros com os americanos” – tom, sem dúvida, bem diferente do usado por Collor há onze anos. Na realidade, para quem podia esperar avanços desse encontro, tudo não passou de tapinhas nas costas. Pelo menos, Lula deixou claras as suas prioridades, ao começar as suas andanças de presidente eleito pela Argentina e Chile: todo poder ao Mercosul.

De objetivo, Bush tomou a iniciativa de propor um novo encontro de cúpula entre Brasil e EUA na primavera americana, entre o final de março e o início de junho. Nesse momento, ambos aproveitaram para recheiar a conversa de abobrinhas: Lula disse que uma visita de Bush ao Brasil não poderia deixar de fora o Pantanal, e Bush mostrou que nem só de botas de couro e chapéus de caubói vive um texano como ele, propondo surfar nas “maravilhosas praias brasileiras”.

Que não seja no litoral carioca, onde vai esbarrar em muitos coliformes fecais...

Para quem, como nós, está tão acostumado a ser passado para trás pelos povos mais desenvolvidos, esse tipo de diálogo soa um pouco como: “Vamos tratar bem de vocês para enganá-los mais uma vez”. Lula não parece ter sentido assim ou, ao menos, não demonstrou: saiu da reunião com um otimismo “acima das expectativas”, embora, de concreto, só sentisse a simpatia do presidente americano manifestada ao mais novo colega de cúpula das Américas. Tanto para a embaixadora dos EUA no Brasil, Dona Hrinak quando para o porta-voz de Lula, André Singer, a conversa de que foram testemunhas foi amistosa. “Houve empatia num ponto fundamental: ambos falam com o coração, com sentimento e franqueza”, descreveu Singer.

Pode ser. Aliás, tomara que seja, uma vez que a ALCA será o único modo de viabilizar a meta de duplicação das exportações brasileiras, conforme acredita o economista Carlos Langoni. O problema é que o Produto Interno Bruto dos EUA, hoje, é quase vinte vezes superior ao nosso. Será possível um equilíbrio na relação entre Davi e Golias? Por um lado, os EUA são o país para onde o Brasil mais exporta, apesar dos pesares; por outro, a competição com produtos americanos, mais baratos e tecnologicamente mais avançados, seria um tiro no pé dos brasileiros. A ALCA, um livre mercado que reunirá 700 milhões de consumidores sem barreiras, deverá movimentar algo em torno de US\$ 12 trilhões. Que os EUA ficarão com a fatia mais suculenta, não resta dúvida; resta saber o tamanho das migalhas que sobrarão para o Brasil.

\* Publicado no Jornal PÚBLICO, de dezembro de 2002 – pág. 12

\*\*Repórter da IstoÉ.

## Para fiéis que não sabiam ler\*

João Evangelista, por e-mail

**Por que os católicos usam o terço para rezar?**

**De onde surgiu esse colar e como foi associado à religião?**

A tradição de rezar e meditar, que se formou a partir das tradições dos monges eremitas dos séculos 4 e 5, tornou-se comum nos mosteiros católicos a partir do final do século 10. No século 14, os frades dominicanos introduziram o rosário para facilitar a prática religiosa entre os analfabetos e substituir a meditação dos Salmos, celebrada em coro. O rosário é uma enfiada de 165 contas, correspondentes ao número de 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos. O nome se deve a um relato popular de um monge que costumava rezar 150 ave-marias de uma forma que saía de seus lábios como rosas que subiam aos céus e se depositavam na cabeça da Virgem Santíssima. O terço, como o próprio nome diz, representa a terça parte desse cordão de orações. O papa Pio 5º (1566–1572) deu ao terço o formato de hoje, que consiste em 50 ave-marias intercaladas por dez pais-nossos.

\*Publicado na Revista *Galileu*, de setembro de 2002, p. 8.

## Gotas enganadoras\*

Rosana A., por e-mail

**É verdade que quem corre na chuva se molha mais do que quem caminha?**

Considerando uma chuva sem vento, se a pessoa estiver parada, as gotas cairão verticalmente sobre sua cabeça, ombro e toda superfície do corpo que estiver virada para cima. Se a pessoa estiver caminhando, a região que vai se molhar aumenta, porque o ângulo com que a chuva incide muda. Caso ela corra, o ângulo se inclina ainda mais, e a chuva atinge o corpo com mais intensidade. Se a chuva vier acompanhada de vento, porém, o cenário passa a ser outro. Quem corre na mesma direção do vento pode se molhar menos, dependendo da velocidade em que estiver.

\*Publicado na p. 12 da Revista *Galileu*, de fevereiro de 2003

## Desde os Tempos de Mozart

FERNANDO JOSÉ VIANA, SÃO PAULO, SP.

**Qual a diferença entre orquestra sinfônica e orquestra filarmônica?**

Não existe diferença de som. A orquestra filarmônica é subvencionada por amigos da música (*filos*, em grego, quer dizer amigos), enquanto a orquestra sinfônica é mantida por instituições oficiais do Estado. Até o século 18, a orquestra sinfônica, composta por um grande conjunto de instrumentos, não existia. Ela nasceu com as sinfonias, gênero que se desenvolveu por intermédio dos compositores alemães e austríacos. Naquela época, os filhos de Joham Sebastian Bach (1685–1750), Carl Philipp Emanuel Bach (1714–1788), seu irmão Joahann Chistian Bach (1735–1782), além de Joseph Haydn (1732–1809), tiveram a idéia de proporcionar contrastes de temas e tonalidade à música instrumental da época, o que só pode ser plenamente realizado pelas grandes orquestras. Essa idéia deu origem à primeira sinfonia, “Concerto para Violoncelo e Orquestra em Sol Menor”, de 1740, escrita pelo austríaco Georg Mathias Monn (1717–1783). Mais tarde, foi desenvolvida por Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791), que era austríaco e freqüentou, ao mesmo tempo, o círculo de compositores alemães. Na época, as orquestras eram pequenas, tinham cerca de dez instrumentos. Atualmente, o número de instrumentistas varia de acordo com o tamanho do palco e a necessidade da peça a ser executada.

\*Publicado na Revista *Galileu*, de setembro de 2002, p. 6

### Café da manhã

Dia 25 de março, terça-feira, às 9 horas, a ASPI/UFF receberá, em sua sede, os professores de Ciência da Informação, Arte e Comunicação Social, para um “café da manhã”, homenageando-os e comemorando o seu dia

## Mudanças no sono\*

**Por que quanto mais velhos ficamos, menos nós dormimos?**

Existem mudanças na estrutura do sono desde o nascimento de uma pessoa até a terceira idade. Enquanto recém-nascidos dormem quase 24 horas por dia, idosos eventualmente podem se satisfazer com um sono de seis a sete horas. Durante o envelhecimento, ocorre uma redução na produção da melatonina, um dos hormônios que regulam o sono. O corpo produz melatonina à noite, quando não está exposto à luz. Essas mudanças ocorrem naturalmente, porque o sono tem um papel importante no desenvolvimento do organismo, ajudando a regular a produção de outros hormônios e funções ligadas ao crescimento. Outra coisa que é preciso ser levada em conta, é que a maioria dos idosos tem o hábito de dar pequenas cochiladas durante o dia, e isso contribui para que durmam menos à noite.

Pessoas mais velhas também estão mais sujeitas a distúrbios como ronco ou apnéia (interrupção da respiração), que atrapalham o sono. A quantidade de horas necessárias para um bom sono, porém, depende do organismo de cada pessoa, e pode variar bastante mesmo entre indivíduos da mesma idade.

\*Publicado na Revista *Galileu* nº 139, de fevereiro de 2003

**"A saúde é o resultado não só de nossos atos como também de nossos pensamentos".**

**Mahatma Gandhi**



## Reformas na Previdência

Informamos a nossos associados que a ASPI está atenta sobre as medidas que vêm sendo vinculadas pela imprensa a respeito dessa matéria. Até o momento (10.2.03) não há nada definido, porque o Congresso não está ainda em funcionamento.

Manteremos os prezados associados informados sobre as medidas que venham a ser tomadas.

## Dia Nacional do Aposentado de 2003: uma comemoração não usual, mas merecida

No dia 26 de janeiro passado foi realizada na Basílica Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba, uma missa celebrada por Dom Aloysio Lorscheider em homenagem ao Dia do Aposentado, comemorado no dia 24 anterior.

Idosos de todo o país esfregavam os olhos sem acreditar no que viam: no altar da Basílica, o ministro da Previdência Ricardo Berzolini e o senador Paulo Paim assistiam à missa dedicada ao Dia Nacional do Aposentado.

E mais ainda: os deputados federais Ângela Guadagnin e Arnaldo Faria de Sá; o presidente da COBAP; presidentes de

diversas federações estaduais de aposentados; ex-presidente da COBAP; deputados estaduais; dirigentes e associados de inúmeras associações de base, dentre eles o ex-deputado federal Benedito Marcílio, autor do projeto que instituiu o Dia Nacional do Aposentado.

(Fonte: *A Frente Informa*, de 26.1.03).

## Almoço de confraternização

Em virtude do Carnaval, realizaremos nosso **Almoço de Confraternização**, em homenagem aos aniversariantes dos meses de fevereiro e março, na segunda quinta-feira, **dia 13 de março, às 12h**, excepcionalmente.

Teremos algumas agradáveis surpresas. Esperamos contar com a sua presença.

## Personalidade de Niterói

É com satisfação que transcrevemos a nota publicada na pág. 14 do jornal *Momento UFF*, relacionado com um de nossos aspianos: "O professor José Lisboa Mendes Moreira" foi escolhido para participar da série "Personalidades de Niterói", um dos projetos de maior alcance histórico para a cidade, criado e mantido em acervo pelo Departamento Cultural da AABB-Niterói.

Professor aposentado da UFF, ocupou vários cargos de destaque como Diretor do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia e do Centro Estudos Gerais, além de ser conferencista e escritor (com vários artigos, publicados em jornais de Niterói e também no *Jornal do Brasil*, *O Dia*, entre outros, bem como o livro *A síndrome do progresso*." Parabéns pelo acontecimento!

## A Frente Informa (18.12.02)

"Para prosseguir na trilha que sonhamos é preciso reaprender que a união é a quinta essência de nossas conquistas, de nossa vontade de mudar para melhor, de nosso afã de ver o mundo justo se materializar aqui, em vida, apostando de vez nos sonhos das nossas juventudes". *Aloísio Mercadante*

## "Dia mundial da Mulher em Oração"

Foi celebrado na primeira sexta-feira de março de 2002, dia 7, às 15h na ASPI-UFF, tendo como base o texto dessa organização mundial, adaptada à nossa realidade, nos unindo às mulheres de todo o mundo para interceder: pelos países em guerra; pelo nosso país; pela nossa cidade; pelos sócios da ASPI-UFF e pelos enfermos.

## Aniversariantes do Mês



## Fevereiro e Março

### Fevereiro

- 1 Maria de Lourdes Fortes  
Augusto Frederico de M. Bittencourt
- 2 Ângela Maria Erthal Tardim
- 3 Carolina Maia Gouvêa  
Elcy Veras Pedrosa da Luz
- 5 Leonia Machado Borges
- 6 Rosa Baldi  
Haroldo Lopes
- 7 Ana Lucia Silveira Cerqueira  
Margarette Helena Sauma de Lima  
Carlos Alves Cravo
- 9 Alberto Rodrigues
- 10 Hildiberto R. C. de Albuquerque Jr.  
Ângela Maria Toffano do Amaral
- 12 Antonio Luiz de Pinho  
Noriva Rubem P. C. de Assis Vieira
- 13 Magaly Lucinda Belchior da Mota
- 16 Tilda Packness Valle Fernandes  
Carlos Alberto Q. Przewodowski
- 17 Miguel Cione Pardi  
Heraldo de Souza Bichara
- 19 Arideu Silva Barão
- 20 Fernanda Bastos Moraes Maddaluno
- 21 Carly Silva  
Octavio Benjamin Wettler  
Fabiano da Costa Carvalho  
Ângela Maria de Araújo Lisboa  
Leila Maria Alonso Gomes
- 23 Luiz César Aguiar Bittencourt Silva
- 24 A  
E

- 25 Lia Rodrigues Gonçalves  
Allan Kardec da Silveira
- 26 Abraham Nachim Nadanovsky
- 27 Sergio Antonio Abunahman  
Wagner Ribeiro Laranjeira
- 28 Maria da Conceição Silva Silveira

### Março

- 3 Cornélio Ribeiro Netto  
Luiz César Saraiva Feijó
- 4 Maria Edna Silva
- 5 Osmar Freire de Sequeira  
Octavio Marinho Falcão Filho
- 7 Edil Patury Monteiro  
Helio Bieira Costa O'Dwyer  
Luiza Lagoas Vieira da Silva
- 8 Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves  
Renato Francisco Visconti
- 9 Levi Carlos Cruz  
Hilda Ramos  
João Kiffer Netto
- 10 Irmã Boschi Pinto
- 11 Geraldo Tepedino Netto  
Carmen Lucia A. da Costa Pagotto  
]Carlos Brazil
- 12 Marina Vannier Lane  
Lea Laborinha
- 13 Norma Gama de Assumpção
- 14 Anna Maria de Castro  
Julia Archontakis

- 15 Maria Célia Azeredo Souza Falcon  
Amaury Coelho Pinheiro
- 16 Maria Teresa Coutinho Robert
- 17 Alberto Furtado Grabowsky  
René Garrido Neves  
Alex de Castro Bastos  
Elza de Uzeda Deker Rachid  
Francisco Manoel Imbroisi
- 18 Lucia Maria Moraes Moyses  
João Jota Viegas
- 19 Nilce Mesquita Martins
- 20 João Jose Bosco Quadros Barros  
Waldemar Light  
Maria Evangelina Monnerat  
Raimundo Nonato Damasceno
- 21 Malca Dvoira Beider  
Mauro Sergio Delgado Ferreira
- 22 Luiz Calheiros Cruz  
Jose Fabiano Giannerini
- 23 Maria Helena de A Mello Fernandes
- 24 Ruy Tamoyo Vendas Rodrigues  
Liliana Hachman Weller
- 25 Paulo da Silva Freire  
Evandro Biassi Barbieri
- 26 Salvador Alves Pereira  
Uyara Alves Schiefer
- 27 Maria Aparecida Guimarães  
Luiz Flavio Autran Monteiro Gomes
- 28 Luiz Gomes de Araújo
- 29 Maria Nylce de Mendonça Taveira
- 31 Gilberto Miragaya